



Lídia Jorge

**Notícia
da
Cidade Silvestre**



Obras Completas • vol. 3
Publicações Dom Quixote

Júlia Grei é o nome atribuído a M. J. Matos G., e esta advertência não tem outra finalidade que não seja a de chamar a atenção para a impreterível alteração do real.

Júlia porque é nome de paixão e Grei porque significa gente e povo. Atendendo ao apelido dado, não se pense contudo que constitui uma parábola a história que acompanhará o leitor neste romance. A parábola sempre contém uma tal organização das partes que tudo nela se torna económico a caminho do sentido útil e último, como um destino projectado. Ora o testemunho de Júlia. Grei, aproximando-se da vida com suas eloquentes inutilidades, encaminha o leitor para aquele canto da perplexidade onde nada é majestoso nem simbólico, mas tudo é importante, como os suspiros, as constipações e os banhos de mar.

As páginas que se seguem são assim a reprodução livre de uma espécie de intimidade falada, com a consciência plena de que o traslado sempre peca por alteração, porventura uma necessária frieza. Mas confiante em que o empenhamento posto no seu caso ainda não deixe esmorecer de todo a vivacidade do relato, atrevi-me, por simpatia com M. J. Matos G., a colocar como epígrafe os versos de José Martí a seguir transcritos.

*Mas piensa, público amigo,
Que cuando el alma se espanta
Y se tiene en la garganta
Fiero dogal por testigo,
La inteligencia se abrasa
Y el alma se empequenece,
Y cuanto escribe parece
Obra mezquina y escasa.*

JOSÉ MARTI

Espantoso como a vida corria, os jornais eram outros e as pessoas mudavam. Mesmo as que já não engordavam nem cresciam, compravam roupas, cortavam o cabelo e de repente apareciam mudadas à janela dum outro carro. Quando a certa altura começou a pensar que afinal nenhuma metafísica se desprendia dos acontecimentos, pôs-se à beira do rio, um barco branco passou trambolhocando água abaixo, e dizia ele a vermelho velho nas duas faces da proa — $\pi\alpha\omega\Gamma \zeta\epsilon\Gamma'$. Tinha tido tempo de copiar esses greguiformes na bainha da saia para perguntar ao Sr. Assumpção, e ele disse-lhe, sonhador, diante duma estante — «Panta rei? Tudo muda.»

Esse também quis dormir com ela. Aliás, outra coisa se não poderia esperar que se quisesse duma mulher que levantava a bainha da saia para mostrar a cópia canhestra desse nome de barco. Claro que se via a perna muito acima do joelho lá na sombra da livraria. Ah, sim! Mas isso foi antes de jóia ter sido levado de urgência para o hospital e de lá

ter voltado verde como se tivesse mergulhado ao fundo dum tanque e houvesse tomado a cor dos limos. Foi a meio desses indiscretois dias que eu a encontrei, e tão indiscretois deveriam ser que ela só se lembrava duma certa frase para resumir tudo, embora não se lembrasse da autoria nem das circunstâncias — «Arregaçai as fimbrias dos vossos mantos, minhas senhoras, para não se queimarem: vamos atravessar o Inferno.» Claro que tinha sido William C. Williams a propósito de Ginsberg, mas esse tinha falado em inglês fanhoso e americano, e ela, ao repeti-lo, fazia-o em português, esta língua bárbara que de longe se assemelha à dos velhos mujiques magoados com o seu senhor, o que é bem diferente. Como insistisse nessa passagem pelas chamas, muitas vezes lhe pedi que pusesse o termómetro à espera da febre. Mas não chegou a ter a carnção de Júlia Grei não era febril.

Depreendi rapidamente que trabalhava numa livraria desde alguns anos atrás. O que mais poderia acrescentar? Que entre setenta e cinco e setenta e nove por aqui ninguém se lembra de ter passado nenhuma guerra, nenhuma fome, nem sequer nenhuma epidemia, antes a democracia consolidava a sua franjinha radicular dentro de água, as lojas até se encheram de roupas caras e perfumes fatais. Ou melhor, elas nunca chegaram a esvaziar. Contudo, Júlia Grei espantava-se que não tivesse havido uma grande guerra, com bombas, estremeções de alicerces e coisas do género que os horrores fazem, quando falava de Jóia a sair e a entrar de ambulância dum hospital para outro. Era na verdade espantoso e ela disse-me.

«Acho que a última vez que vi o meu rapaz foi uma noite, na Praça do Império, a saltar pela mão de Fernando Rita. Suponho que fazia lua, era Natal, e Jóia a saltar daquele modo, lembrava-me uma lebre entre sanfenos».

«Oh!» — disse-lhe eu com exclamação para dizer qualquer coisa, mas logo descobri que Júlia Grei não era apenas a pessoa que escrevinhava letras gregas na bainha das roupas. Vamos lá a ver.

Ela recordava Jóia a saltar na Praça do Império nessa noite de Natal e, embora não se lembrasse bem se fazia luar ou não, achava que era à luz duma grande lua que ele corria. Tão grande e tão amarela essa lua,

que a sombra de Jóia aos saltos pela mão de Fernando Rita ainda fazia desenhos nítidos pelo chão, como relevos vivos. Atrás vinham Anabela Cravo e Artur Salema, os dois a rirem quase acasalados, disse-me. Nenhum comboio passava o seu grito agudo pela linha, nenhum automóvel arrancava em primeira, e o riso que antes tinham atirado contra o Mosteiro de Santa Maria de Belém voltava às ondas para trás e tinha fim no pé das oliveiras. Recomeçava depois a alegria. Foi enquanto isso que Jóia apertou a mão de Fernando Rita, obrigando-o também a saltar como se fossem duas lebres despassaradas, lezíria fora.

Claro que se lembrava. O verbo lembrar é mesmo um triste e pálido verbo para traduzir a evocação que Júlia Grei fez depois no Bar Together/Tonight, onde a conheci em circunstâncias pouco habituais. Nesse dia ela tinha pedido a um táxi que a deixasse no meio da Av. Almirante Reis e não possuía um tostão nem nas roupas, nem nos sovacos, nem na carteira, nem em nenhuma bolsa do corpo. E disse ao homem — «Desculpe, dou sempre gorjeta, mas desta vez não tenho para o frete.» E pôs logo a mão no manípulo, mas como inicialmente tinha pedido que corresse até Belém, o homem do táxi achou-a muito honesta, evocando casos opostos que lhe aconteciam dia sim dia não, e até a deixou um bocadinho mais abaixo. Contou-me. Depois Júlia Grei fez o percurso a pé com os sapatos na mão, e quando a vi, precisamente da janela do Bar Together/Tonight, antigo Bar Aviador, ela quis fazer venda dum caderno amarelo. Foi esse insólito numa terra destas que me fez voltar a procurá-la, achando que bem podia Júlia Grei alinhar a lembrança com alguma ordem e mais algum proveito. Depois haveria de vir a admirar-se que o caderno de capa amarela tivesse tido tão pouco destaque e que, pelo contrário, os papéis que me ia mandando pelo correio, ou por quem calhava, aparecessem com tanta importância. Mas acrescentou que se revia e achava, por inteiro.

Se morássemos numa casa com janela na manhã do encontro, eu teria ido pôr-me no parapeito à espera de Anabela Cravo, e como calcula, talvez bastasse essa insignificante alteração para que a vida tivesse sido diferente. Ora pelo contrário, as aberturas do atelier onde então vivíamos estavam agarradas ao tecto, no alto do pé-direito, e pelo chão de mosaico e cimento sempre soprava uma aragem vinda de qualquer lado. Eu bem tapava os buracos. Para fazer face a esse desconsolo, tinha comprado dois caloríferos que punha frente a frente acesos durante horas inteiras, e nem mesmo assim a humidade levantava ferro como se gostasse de nós, pegajosa. Estavam a pesar-me sobretudo os domingos e os feriados — para não acordar Jóia, tinha de enfiar chinelos de sola de borracha e lidar na penumbra sem fazer barulho nem abrir a porta. No entanto V. imagina. Eu estava habituada a sentir o rio pelo faro e na tal manhã do encontro, mesmo de porta fechada e sem janela, tive a certeza absoluta de que lá fora fazia líquido e claro como só acontece na foz dos rios com antemar. Acabei por sair à rua muito antes das dez a esperar Anabela Cravo.

Confesso que era um hábito, bom ou mau não interessa.

Quando David Grei era vivo saíamos assim, e nas manhãs de sol depois da chuva, como aquela, ele costumava dizer que se alguém bradasse desta margem, Porto Brandão poderia estremecer na outra, tanta era a claridade a montante. Havia entre nós uma diferença de vinte e cinco anos mas passeávamos a dizer coisas enquanto a cidade ainda dormia, e creio que éramos felizes. Só que David Grei tinha morrido numa tarde de céu cirroso no anterior mês de Fevereiro, e eu estava agora a desembaraçar-me do peso incómodo que é a voz dum ausente desse tipo, o que é difícil, como deve supor. Felizmente que Anabela Cravo, a minha maior amiga, trabalhava bem nesse sentido e eu mesma achava que já tinha pensado demasiado

em David Grei, que lhe havia dado tudo o que tinha a dar, e desejava por isso entregar-me a pensamentos suaves, imaginar por exemplo que já ninguém precisava bradar.

Era evidente que não. Barcos de várias nacionalidades estavam abrigados nas docas e atracados aos cais, como se tivessem adormecido em Lisboa e chocassem um ovo aquático debaixo das quilhas. Ainda no dia anterior uma barçaça gigante, toda verde, como se feita duma só peça, tinha subido alacada de carga com os contentores à vista. Vinha de Hamburgo e Jóia tinha aparecido sem fôlego a dizer que transportava máquinas, flashes, televisões a cores, mas sobretudo uma marca de caneta-pistolaque disparava no momento da assinatura. Escusado será dizer que tinha feito Jóia descrever desse boato sobre o conteúdo da barçaça gigante. Pelo contrário. Agora tudo o que entrava e saía era pacífico, electrodoméstico, tinha a certeza e ninguém precisava bradar. Também falei disso com Anabela Cravo quando ela chegou às dez.

Precisamente às dez em ponto, porque Anabela nunca chegava atrasada, nem mesmo nos dias em que os autocarros escasseavam nas paragens. Seria preciso conhecê-la. Ela dominava por completo os roteiros e os troços de rua que feitos a pé ligavam cruzamentos a cruzamentos para se chegar mais cedo. Já uma vez na vida tinha sido largada nas calçadas mais íngremes e fora obrigada a conhecer a zona. Todas as zonas. Depois naquele dia de que lhe falo o tempo ajudava. Eu tinha dado uma volta e tinha visto. Apesar do sol espampanante desde manhã que passavam pelas ruas, à procura das missas, mulheres vestidas de peles como se estivesse a nevar ou fossem atravessar uma região alpina. Entravam depois em automóveis que batiam portas em frente das igrejas e adivinhava-os a caminho de restaurantes íntimos, longe, no sopé das serras. Aqui e além, umas imagens de perus calçados de franjas no meio das mesas e uma bichinha, pouca, junto a um balcão aberto que vendia fritos. Era tudo. Também alguns miúdos tinham descido do Alto do Casalinho quase nus e pediam às portas das igrejas. De resto eu tinha os olhos no relógio porque Anabela ia chegar exactamente às dez.

«E dia de Natal!» — disse logo de longe quando me avistou cá fora, mas ainda tivemos de dar uma volta por cima do empedrado até nos beijarmos como se fizessemos anos. «E Natal, Natal!» — Como era o primeiro ano que passávamos juntas, desconhecia-lhe o entusiasmo por esse dia. Também ela usava um casaco de pele de coelho e trazia-o no braço de mistura com vários embrulhos. Para mim? Anabela estendeu-me um deles, o de papel de prata, logo aberto ali naquela pressa da alegria, e dele saiu uma écharpe branca, finíssima, com duas letras arabescadas em cada ponta, uma lilás quase púrpura e outra verde quase garrafa. Anabela também tinha recuado quase para a lama para poder observar a surpresa que a prenda me provocava na vida, e abria as narinas de felicidade como se estivesse a tomar banho numa praia e acabasse de saltar uma vaga. «Ah!» — dizia. E dobrava o casaco de pele de coelho, ameaçando deitá-lo fora. O meu deslumbramento era enorme.

«Gostas?» — perguntou.

«Imenso.»

«Caramba, que parece a Páscoa» — disse Anabela Cravo no sol vivo da manhã.

Mas não era, não. Perto, dois pescadores puxavam sobre o paredão a invisível linha dos carros, as canas num ligeiro arco. Era dia de Natal e ainda não tinham apanhado peixe nenhum. Um deles junto das pernas havia inclinado a antena dum rádio donde saía a voz de Anita Kerr narrando do fundo da víscera um estimável «Once upon a time». Ora Anabela já tinha parado de me beijar mas ainda me conduzia pela mão, e embora toda a alegria do ar fosse pagã, havia sinos, sons, coisas maviosas e místicas que as águas levavam a caminho do mar de forma invisível. Sem darmos por isso tínhamos chegado à beira do paredão, Anabela apertava-me os dedos e eu sentia vontade de dizer palavras descontroladas.

«Sabes? Nos dias assim o David costumava dizer que se alguém deste lado desse um brado, uma janela da outra banda ia abanar e partir-se.»

Disse isso por incrível que lhe pareça como se estivesse a escrever

numa folha de agenda, hábito que tinha adquirido muito antes de ter entrado para a Livraria Assumpção, mas sabendo que ninguém precisava bradar. Do outro lado uma linha de silos alvejava no meio do esverdeado e tudo estava em ordem como no tempo das moendas, ou recuando mais, muito mais, como na era dos antiquíssimos concheiros. Tudo em ordem, tudo em paz, ninguém precisava bradar e ainda tínhamos a mão na mão.

«Que ideia! Lembras-te do grito do Tarzan quando éramos miúdas?» — perguntou Anabela Cravo.

«Lembro-me do grito do Weissmuller» — disse-lhe eu. «Era a princípio fino, depois fundo, agudo e grave ao mesmo tempo. Às vezes chamava com ele os jacarés. Outras vezes fugia deles. Quando ouvia esse grito, apetecia-me amarinhar pelas paredes do cinema acima.»

«Também eu.»

Parámos à beira do paredão que descia em rampa até à água e aí ficámos a olhar para longe. Ao fundo os pescadores pareciam imóveis. Mas de repente Anabela atirou-me o casaco de pele de coelho, os embrulhos e a mala, pôs-se na posição de quem vai galgar uma distância formidável, e começou a gritar agudo e grave ao mesmo tempo, com as mãos na barriga, embora o que lhe saísse na direcção de Porto Brandão não tivesse qualquer semelhança com o grito do Tarzan, e viesse a terminar num guincho agudo — «Chama também os jacarés.» Eu ia a correr para trás duma fragata velha ali parada, mas Anabela apanhou-me exigindo que eu gritasse como ela, e as gargalhadas que dávamos perdiam-se num círculo diluído, distante. «Grita.» Confesso que era incapaz — não muito longe de nós um dos pescadores, sobressaltado, tirou o chapéu e pôs-se em pé, embasbacado a olhar.

«Por que não gritas?» — perguntou-me um pouco ofendida. «Não sei.»

Anabela encarou-me muito séria como se houvesse uma teoria do grito que eu indecentemente desconhecesse. Porquê? Porquê? Compreendia. Anabela não tinha gritado só para espantar pessoas e pro-

vocar gargalhadas, mas para que eu pudesse ver que tudo o que David Grei me tinha dito não passava de fantasia. «Abaixo a fantasia» — disse-me ela. E começou a dizer nesse dia de Natal, rio abaixo rio acima, que era preciso dobrar a fantasia dentro dum pano, atar-lhe um fio e mandar para longe, sem remetente. Em vez de alimentar fantasias, o que eu precisava era de criar novas bases.

«Novas bases» — disse-me ela, parada, solene, de casaco na mão.

Tínhamo-nos afastado do local onde Anabela Cravo havia dado aquela espécie de grito e estávamos de costas para o sol, a falar concretamente duma remodelação qualquer. Para isso havia símbolos e as pernas fortes de Anabela Cravo constituíam um deles, porque me prefiguravam dois carvalhos plantados na berma duma estrada, quando falava de bases. Eu achava até que em torno das pernas de Anabela Cravo se alongavam raízes invisíveis que se afastavam da água a caminho da terra segura, asfalto fora. Também tinha tomado nota disso, num canto da agenda, porque o contraste que eu imaginava haver entre nós era tão grande que chegava a supor que se um apito de navio por ali ancorado fosse só um pouco mais forte, talvez isso bastasse para me deitar ao chão. Alguma coisa era demasiado magra em mim, ainda que nunca lho tivesse dito, e de facto muitas vezes me apetecia encostar o ombro, o peito e a cara, ao ombro, ao peito e à cara de Anabela Cravo quando me falava de bases. Mas que bases?

«O Saraiva, por exemplo» — disse-me ela e parecia estar prestes a perder a serenidade do Natal porque achava que já me tinha falado do Saraiva duas dúzias de vezes. Por que exibia eu essa desagradável forma de desprendimento pelas coisas sérias? «Por favor, o Saraiva, o do bigode, o da Tranquilidade, quantas vezes te tenho dito?» — Cheia de paciência com o casaco no braço. Assim que tinha conhecido o Saraiva no escritório do Atouguia onde trabalhava, ela havia logo pensado em mim, porque o Saraiva, para além de óptima figura, possuía um apartamento em Sesimbra, estupendo, com vista para o mar, a dois passos dum restaurante só de grelhados, por sinal tão barateiro que levava por cada salmonete encarnado apenas du-

zentos escudos. Um tipo óptimo, um tipo sereno, um tipo casto. Junto dele, segundo Anabela Cravo, apetecia uma pessoa alugar uma carrinha puxada por dois cavalos e ir passear para Sintra. Disse-me para cá e para lá nesse dia.

«Oh, o Saraiva! acho que deve possuir as pessoas ao anoitecer, quando o mar de Sesimbra fica lilás da cor das congossas.»

Andando assim, passávamos perto dos pescadores. Um deles, ainda suspeitado, olhava de esguelha e parecia querer perguntar qualquer coisa mas devia ser uma pessoa habituada a esperar os peixes, bem ligado à linha. Só olhava. O outro, o que havia tirado o chapéu da cabeça, tinha ainda a telefonia ao colo e através do assento continuava a mandar a voz do coro.

«Vamos até Sesimbra? Bastava telefonar...» — propôs-me ela.

Make him go away

We don't want him

Go, go, go, go...

Diziam nessa manhã os anjos de Anita Kerr enxotando qualquer pessoa daquela cantiga de Natal. O pescador silencioso tinha-se afastado do que ficava de cócoras com a música. Esse continuava de chapéu na cabeça, já tinha posto um peixe dentro do balde e dava velozmente ao carroto. Por favor, a Sesimbra não. Concordava, mas com Saraiva ou sem Saraiva, afinal era um dia demasiado brilhante para se passar a dar gritos à beira da água, e Anabela propôs-me então que fôssemos a qualquer sítio, talvez apanhar um comboio, sair na Linha, comer um bife junto duma janela, conversar um pouco. Regressámos ao atelier, passando por cima do empedrado e saltando a lama que fazia ilhas. Jóia já brincava pelo chão e Anabela passou-lhe um pacote donde saía um carro que mandava fogo para trás. Hulk horroroso, incrível Hulk, dormindo até quase às onze na manhã de Natal! Não tinha vergonha? Tudo era a fingir nesse dia, mas quando nos preparávamos para sair, com os casacos às costas, uma batida leve começou a repercutir-se pelas paredes do atelier,

adensou-se, parou e recomeçou vivaz. Lento, lento, breve, forte, e Anabela despiu o casaco.

«Quem é o doido que trabalha num dia destes?»

Eu ia jurar que Anabela usava nessa manhã uma sombra azul por cima das pálpebras, esplendorosa, e respirava fundo como se fosse mergulhar de novo antes de sair para a rua e a água estivesse fria.

«Quem é o doido ou a doida?»

Tinha começado o encontro sem eu saber, e vendo agora para trás, estou certa de que uma gota de ar pelo menos estremeceu no centro da casa, como uma campainha especial, porque me custa acreditar que todas as coisas se mantenham impassíveis e não avisem as pessoas antes dos momentos definitivos. Ou será que muito mais perenes do que nós, elas sejam tão incúmplices connosco? Quem batia devia ser o João Martinho. Esse tinha o vício das esculturas como as pessoas normais têm no comer e no fumar, e por isso, mesmo coxo, andava agora a ligar máquinas que zuniam como batedeiras de sopa, atroando tudo a qualquer hora, um verdadeiro horror. O próprio Jóia disse ter acordado debaixo duma espécie de artilharia pesada. Pobre Hulk! Era melhor sairmos já, antes que uma poderosa dor de cabeça nos tirasse a vontade de comer um bife. Mas Anabela Cravo, espantada com as batidas, começou a ficar sacudida por uma ideia fantástica e só quem não conhecia as ideias fantásticas de Anabela Cravo poderia ficar sereno — note que Anabela distinguia o fantástico da fantasia — «Achei!» — disse ela. «Se estiver só o João Martinho pergunto-lhe pela perna, mas se estiverem mais, trago-os a todos para aqui.»

Não houve hipótese de lhe impedir a pressa. Saiu para a rua e logo ao fundo as batidas pararam, pouco depois uma porta qualquer se fechou, e passos cada vez mais próximos avançaram de fora. Mas não era contínuo o andamento de quem vinha. Pelo contrário, alguém suspendia a meio para falar e rir, e ouvia-se a palavra almoço dita por mais que uma vez. Entre as vozes que pareciam todas de homem, a de Anabela Cravo elevava-se, fendia-se e reunia as partes